

São Paulo, 12 de Junho de 2022

CARTA DE APOIO AO c.e.m

A quem interessar possa,

Venho por meio desta carta expressar total apoio à pesquisa continuada desenvolvida no campo das artes performativas pela estrutura do c.e.m - centro em movimento de Lisboa nas três últimas décadas.

Tive oportunidade de conhecer de perto os programas de investigação artística do c.e.m à partir de 2008 quando primeiramente integrei a FiA - Formação intensiva Acompanhada e a seguir, por alguns anos estive em estágio vivenciando espaços formativos pautados pela contínua proposição, avaliação e reproposição de formas, alicerçadas em uma pedagogia experiencial e corporificada de maneira radical - não há conceito que se situe apenas como discurso em palavra, tudo que se pensa, imagina ou orienta precisa atravessar o corpo, forjar uma prática: no c.e.m como em nenhum outro lugar que conheci no mundo, o que se faz é dançar a teoria - o que por si só já faz do c.e.m uma estrutura de referência em âmbito global no campo da Arte e da Educação Sensível.

Radical também no c.e.m sempre foi o trânsito entre disciplinas e saberes e a organização em rede, não hierarquizada por funções e condutas - ainda que equipes de especificidade se alinhem em torno de projetos - , o que acaba por contribuir singularmente para que o organismo c.e.m configure um ambiente participativo, reflexivo, crítico e co-responsável pela criação da realidade humana onde tem atuado. A investigação artística implica um exercício de cidadania.

Daqui do Brasil, onde o processo de degradação civilizatória operado pelo desmonte das instituições e relações sociais tem avançado junto da necropolítica neoliberal que está em curso na gestão pública desde o golpe de 2016, temos notícias concretas do que pode acontecer quando são retirados recursos da pesquisa e da investigação no campo da ciência, da educação, da cultura e da arte. A banalidade e a mercantilização das relações e dos desejos vence, todo apelo sensível sai do âmbito estético e torna-se direcionado ao consumo e ao culto dos privilégios e exclusividades. O entretenimento vence e contribui para a anestesia, para a crença de que os que vencem e ganham visibilidade são mais merecedores do que os que atuam em escalas menores, ou dos que tentam e erram, falham, percorrem caminhos ainda não inscritos - acaba a consciência crítica.

É uma esperança para nós brasileiros, que haja lugares no mundo (e certamente nos confins de nossa realidade periférica) onde investimentos na sensibilização humana, na experimentação através das disciplinas do conhecimento, e na investigação das linguagens e das formas artísticas ainda sejam valorizadas e fomentadas enquanto experimento. Isso nos alimenta e inspira. É preciso acreditar que a sociedade precisa tanto dos processos e percursos quanto dos resultados e ganhos. Desejo que o carácter experimental e investigativo da atuação do c.e.m seja valorizado nessa sua potência de escavação de novos territórios, de abertura de frestas, de errâncias, de derivas... como nos diz nosso grande pensador Ailton Krenak "A Vida não é útil!". Que as pessoas da Europa compreendam a força dessa afirmação.

Sem mais,



Paula Petreca,
Artista da dança, yogini e no momento
Coordenadora pedagógica do Centro de Referência da Dança da Cidade de São Paulo
e co-idealizadora do Ladeira à Bausch - podcast sobre dança